



MORGAN RICE

DE COROAS E GLÓRIA--LIVRO 2

VADIA,
PRISIONEIRA,
PRINCESA

De Coroas e Glória

Morgan Rice

Vadia, Prisioneira, Princesa

«Lukeman Literary Management Ltd»

Rice M.

Vadia, Prisioneira, Princesa / M. Rice — «Lukeman Literary Management Ltd», — (De Coroas e Glória)

Morgan Rice surgiu com o que promete ser mais uma série brilhante, fazendo-nos imergir numa fantasia de trolls e dragões, de valentia, honra, coragem, magia e fé no seu destino. Morgan conseguiu mais uma vez produzir um conjunto forte de personagens que nos faz torcer por eles em todas as páginas... Recomendado para a biblioteca permanente de todos os leitores que adoram uma fantasia bem escrita. Books and Movie Reviews (referente à Ascensão dos Dragões) Roberto Mattos

VADIA, PRISIONEIRA, PRINCESA é o livro nº2 na série best-selling de fantasia épica, DE COROAS E GLÓRIA, de Morgan Rice, que começou com ESCRAVA, GUERREIRA, RAINHA (Livro nº1) Ceres, de 17 anos, uma menina bonita e pobre da cidade Imperial de Delos, vê-se forçada por decreto real, a lutar no Stade, a brutal arena onde os guerreiros de todos os cantos do mundo vão para se matarem uns aos outros. Colocada perante adversários ferozes, as suas hipóteses de sobrevivência são escassas. A sua única hipótese reside nos seus poderes mais profundos, e em fazer a transição, de uma vez por todas, de escrava para guerreira. O Príncipe Thanos, de 18 anos, acorda na ilha de Haylon para descobrir que foi esfaqueado nas costas pelo seu próprio povo, deixado a morrer na praia ensopada de sangue. Capturado pelos rebeldes, ele deve rastejar de novo para a vida, encontrar quem o tentou assassinar e procurar a sua vingança. Ceres e Thanos, um mundo à parte, não perderam o amor um pelo outro; porém, a corte Imperial está repleta de mentiras, traição e duplicidade, e, enquanto realezas ciumentas tecem mentiras intrincadas, num trágico mal entendido, cada um deles é levado a crer que o outro está morto. As escolhas que eles fazem vão determinar o destino de cada um. Irá Ceres sobreviver ao Stade e tornar-se na guerreira a que está destinada? Irá Thanos curar-se e descobrir o segredo que está a ser escondido de si? Irão eles os dois, forçados a estarem afastados, encontrarem-se um ao outro novamente?

VADIA, PRISIONEIRA, PRINCESA conta uma história épica de amor trágico, vingança, traição, ambição e destino. Repleta de personagens inesquecíveis e com ação de fazer o coração bater, transporta-nos para um mundo que nunca vamos esquecer e faz-nos apaixonar pela fantasia mais uma vez. Uma ação carregada de fantasia que

irá certamente agradar aos fãs das histórias anteriores de Morgan rice, juntamente com os fãs de trabalhos tais como O CICLO DA HERANÇA de Christopher Paolini...Fãs de ficção para jovens adultos irão devorar este último trabalho de Rice e suplicar por mais. The Wanderer, A Literary Journal (referente a Ascensão dos Dragões) O Livro nº3 em De Coroas e Glória será lançado em breve!

© Rice M.

© Lukeman Literary Management Ltd

Содержание

| | |
|-----------------------------------|----|
| CAPÍTULO UM | 11 |
| CAPÍTULO DOIS | 15 |
| CAPÍTULO TRÊS | 18 |
| CAPÍTULO QUATRO | 22 |
| CAPÍTULO CINCO | 25 |
| CAPÍTULO SEIS | 28 |
| CAPÍTULO SETE | 31 |
| CAPÍTULO OITO | 34 |
| Конец ознакомительного фрагмента. | 37 |

VADIA, PRISIONEIRA, PRINCESA

(DE COROAS E GLÓRIA--LIVRO 2)

MORGAN RICE

Morgan Rice

Morgan Rice é a best-seller nº1 e a autora do best-selling do USA TODAY da série de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por dezassete livros; do best-seller nº1 da série OS DIÁRIOS DO VAMPIRO, composta por doze livros; do best-seller nº1 da série TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por dois livros (a continuar); da série de fantasia épica REIS E FEITICEIROS, composta por seis livros; e da nova série de fantasia épica DE COROAS E GLÓRIA. Os livros de Morgan estão disponíveis em edições áudio e impressas e as traduções estão disponíveis em mais de 25 idiomas.

Morgan adora ouvir a sua opinião, pelo que, por favor, sintá-se à vontade para visitar www.morganricebooks.com e juntar-se à lista de endereços eletrónicos, receber um livro grátis, receber ofertas, fazer o download da aplicação grátis, obter as últimas notícias exclusivas, ligar-se ao Facebook e ao Twitter e manter-se em contacto!

Seleção de aclamações para Morgan Rice

"Se pensava que já não havia motivo para viver depois do fim da série O ANEL DO FEITICEIRO, estava enganado. Em A ASCENSÃO DOS DRAGÕES Morgan Rice surgiu com o que promete ser mais uma série brilhante, fazendo-nos imergir numa fantasia de trolls e dragões, de valentia, honra, coragem, magia e fé no seu destino. Morgan conseguiu mais uma vez produzir um conjunto forte de personagens que nos faz torcer por eles em todas as páginas... Recomendado para a biblioteca permanente de todos os leitores que adoram uma fantasia bem escrita."

--Books and Movie Reviews

Roberto Mattos

"Uma ação carregada de fantasia que irá certamente agradar aos fãs das histórias anteriores de Morgan Rice, juntamente com os fãs de trabalhos tais como O CICLO DA HERANÇA de Christopher Paolini... Fãs de ficção para jovens adultos irão devorar este último trabalho de Rice e suplicar por mais."

--The Wanderer, A Literary Journal (referente a Ascensão dos Dragões)

"Uma fantasia espirituosa que entrelaça elementos de mistério e intriga no seu enredo. A Busca de Heróis tem tudo a ver com a criação da coragem e com a compreensão do propósito da vida e como estas levam ao crescimento, maturidade e excelência... Para os que procuram aventuras de fantasia com sentido, os protagonistas, estratégias e ações proporcionam um conjunto vigoroso de encontros que se relacionam com a evolução de Thor desde uma criança sonhadora a um jovem adulto que procura a sobrevivência apesar das dificuldades... Apenas o princípio do que promete ser uma série de literatura juvenil épica."

--Midwest Book Review (D. Donovan, eBook Reviewer)

"O ANEL DO FEITICEIRO reúne todos os ingredientes para um sucesso instantâneo: enredos, intrigas, mistério, valentes cavaleiros e relacionamentos que florescem repletos de corações partidos, decepções e traições. O livro manterá o leitor entretido por horas e agradará a pessoas de todas as idades. Recomendado para a biblioteca permanente de todos os leitores do género de fantasia."

--Books and Movie Reviews, Roberto Mattos.

"Neste primeiro livro cheio de ação da série de fantasia épica Anel do Feiticeiro (que conta atualmente com 14 livros), Rice introduz os leitores ao Thorgrin "Thor" McLeod de 14 anos, cujo sonho é juntar-se à Legião de Prata, aos cavaleiros de elite que servem o rei... A escrita de Rice é sólida e a premissa intrigante."

--Publishers Weekly

Livros de Morgan Rice

O CAMINHO DA ROBUSTEZ

APENAS OS DIGNOS (Livro nº1)

DE COROAS E GLÓRIA

ESCRAVA, GUERREIRA, RAINHA (Livro nº1)

VADIA, PRISIONEIRA, PRINCESA (Livro nº2)

REIS E FEITICEIROS

A ASCENSÃO DOS DRAGÕES (Livro nº1)

A ASCENSÃO DOS BRAVOS (Livro nº2)

O PESO DA HONRA (Livro nº3)

UMA FORJA DE VALENTIA (Livro nº4)

UM REINO DE SOMBRAS (Livro nº5)

A NOITE DOS CORAJOSOS (Livro nº6)

O ANEL DO FEITICEIRO

EM BUSCA DE HERÓIS (Livro nº1)

UMA MARCHA DE REIS (Livro nº2)

UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro nº3)

UM GRITO DE HONRA (Livro nº4)

UM VOTO DE GLÓRIA (Livro nº5)

UMA CARGA DE VALOR (Livro nº6)

UM RITO DE ESPADAS (Livro nº7)

UM ESCUDO DE ARMAS (Livro nº8)

UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro nº9)

UM MAR DE ESCUDOS (Livro nº10)

UM REINADO DE AÇO (Livro nº11)

UMA TERRA DE FOGO (Livro nº12)

UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro nº 13)

UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro nº 14)

UM SONHO DE MORTAIS (Livro nº 15)

UMA JUSTA DE CAVALEIROS (Livro nº 16)

O PRESENTE DA BATALHA (Livro nº 17)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA

ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro nº 1)

ARENA DOIS (Livro nº 2)

ARENA TRÊS (Livro nº 3)

VAMPIRO, APAIXONADA

ANTES DO AMANHECER (Livro nº 1)

MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO

TRANSFORMADA (Livro nº 1)

AMADA (Livro nº 2)

TRAÍDA (Livro nº 3)

PREDESTINADA (Livro nº 4)

DESEJADA (Livro nº 5)

COMPROMETIDA (Livro nº 6)

PROMETIDA (Livro nº 7)

ENCONTRADA (Livro nº 8)

RESSUSCITADA (Livro nº 9)

ALMEJADA (Livro nº 10)

DESTINADA (Livro nº 11)

OBCECADA (Livro nº 12)

KINGS AND SORCERERS



THE SORCERER'S RING



THE SURVIVAL TRILOGY



the vampire journals





Oiça a série O ANEL DO FEITICEIRO em formato Audiobook!
Quer livros gratuitos?

Subscriba a lista de endereços de Morgan Rice e receba 4 livros grátis, 3 mapas grátis, 1 aplicação grátis, 1 jogo grátis, 1 história em banda desenhada grátis e ofertas exclusivas! Para subscriver, visite: www.morganricebooks.com

Copyright © 2016 por Morgan Rice. Todos os direitos reservados. Exceto conforme permitido pela Lei de Direitos de Autor dos EUA de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenada numa base de dados ou sistema de recuperação, sem a autorização prévia da autora. Este e-book é licenciado para o seu uso pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou cedido a outras pessoas. Se quiser partilhar este livro com outra pessoa, por favor, compre uma cópia adicional para cada destinatário. Se está a ler este livro e não o comprou, ou se ele não foi comprado apenas para seu uso pessoal, por favor, devolva-o e adquira a sua própria cópia. Obrigado por respeitar o trabalho árduo desta autora. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, eventos e incidentes são produto da imaginação da autora ou foram usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é mera coincidência. Imagem da capa Copyright Kiselev Andrey Valerevich, usada com autorização da Shutterstock.com.

CONTEÚDO

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)
[CAPÍTULO OITO](#)
[CAPÍTULO NOVE](#)
[CAPÍTULO DEZ](#)
[CAPÍTULO ONZE](#)
[CAPÍTULO DOZE](#)
[CAPÍTULO TREZE](#)
[CAPÍTULO CATORZE](#)
[CAPÍTULO QUINZE](#)
[CAPÍTULO DEZASSEIS](#)
[CAPÍTULO DEZASSETTE](#)
[CAPÍTULO DEZOITO](#)
[CAPÍTULO DEZANOVE](#)
[CAPÍTULO VINTE](#)
[CAPÍTULO VINTE E UM](#)
[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)
[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)
[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)
[CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)
[CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)
[CAPÍTULO VINTE E SETE](#)
[CAPÍTULO VINTE E OITO](#)
[CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)
[CAPÍTULO TRINTA](#)
[CAPÍTULO TRINTA E UM](#)
[CAPÍTULO TRINTA E DOIS](#)
[CAPÍTULO TRINTA E TRÊS](#)
[CAPÍTULO TRINTA E QUATRO](#)
[CAPÍTULO TRINTA E CINCO](#)
[CAPÍTULO TRINTA E SEIS](#)
[CAPÍTULO TRINTA E SETE](#)

CAPÍTULO UM

"Ceres! Ceres! Ceres!"

Ceres conseguia sentir o cântico da multidão tão nitidamente quanto o seu próprio coração a bater. Ela ergueu a espada em reconhecimento, segurando-a com força, testando o couro. Para si não era importante que eles apenas tivessem sabido o seu nome há momentos. Era suficiente que o soubessem e que isso reverberasse em si, para que o pudesse sentir quase como uma força física.

Do outro lado do Stade, de frente para ela, o seu oponente, o enorme lorde de combate, caminhava de um lado para o outro, na areia. Ao vê-lo, Ceres engoliu em seco, ainda com mais medo, por mais que o tentasse suprimir. Ela sabia que esta poderia muito bem ser a última luta da sua vida.

O lorde de combate andava como um leão enjaulado, a balançar a sua espada no ar em arcos, que pareciam projetar-se para exibir os seus músculos salientes. Com a sua armadura peitoral e elmo com viseira, parecia como se ele tivesse sido esculpido em pedra. Era difícil para Ceres acreditar que ele era simplesmente de carne e osso.

Ceres fechou os olhos e preparou-se mentalmente.

Tu consegues, disse para si mesma. Podes até nem ganhar, mas deves enfrentá-lo corajosamente. Se é para morreres, deves morrer honradamente.

Uma trombeta soou nos ouvidos de Ceres, fazendo-se ouvir mesmo por cima do som do uivo da multidão. Tal encheu a arena. De repente, o seu adversário avançou.

Ele foi mais rápido do que ela pensava que um homem grande conseguia ser, atacando-a antes de ela ter hipótese de reagir. Tudo o que Ceres conseguiu fazer foi esquivar-se, levantando poeira ao desviar-se do caminho do guerreiro.

O lorde de combate girou a espada com as duas mãos e Ceres baixou-se, sentindo o ar a passar por si. Ele golpeava como um talhante empunhando um cutelo, e quando ela girou e bloqueou o golpe, o impacto do metal no metal fez com que os seus braços estremecessem. Ela achava que não era possível um guerreiro poder ser tão forte.

Ela afastou-se e o seu oponente seguiu-a com uma inevitabilidade sombria.

Ceres ouvia o seu nome misturado com os gritos e vaías da multidão. Obrigou-se a manter o foco; ela mantinha os olhos fixados no seu adversário e tentava lembrar-se dos seus treinos, pensando em todas as coisas que podiam acontecer a seguir. Ela tentava golpear e, depois, contorcia o seu pulso para responder com a sua espada ao ataque.

Mas o lorde de combate limitou-se a grunhir quando a espada dela lhe fez um pequeno corte no antebraço.

Ele sorriu como se tivesse gostado.

"Vais pagar por isto", avisou ele. O seu sotaque era encorpado, de um dos cantos distantes do Império.

Ele atacou-a outra vez, obrigando-a a desviar-se e a esquivar-se. Ela sabia que não podia arriscar um confronto direto, não com alguém tão forte.

Ceres sentiu o chão ceder debaixo do seu pé direito, uma sensação de vazio ali onde deveria ter havido um apoio firme. Ela olhou para baixo e viu areia a cair para um fosso. Por um momento, o seu pé ficou pendurado sobre o espaço vazio. Cegamente, com a sua espada, ela tentava impulsionar-se para fora dali, enquanto lutava para manter o equilíbrio.

O contra-ataque do lorde de combate era quase de desprezo. Por um instante, Ceres teve certeza que ia morrer, porque não havia nenhuma maneira de parar completamente o ataque. Ela sentiu o impacto dissonante do golpe contra a sua espada, que, ainda assim, desacelerou ao embater na sua armadura. A sua armadura peitoral fez pressão contra o seu corpo com uma força contundente. No local onde aquela terminava, ela sentiu uma dor quente a queimá-la quando a espada lhe proferiu um corte ao longo da sua clavícula.

Ela cambaleou para trás e, ao fazê-lo, viu mais fossos a abrirem-se ao redor do chão da arena, como se fossem bocas de animais famintos. E então, desesperada, ela teve uma ideia: talvez ela conseguisse usá-los em sua vantagem.

Ceres contornava as bordas dos fossos, na esperança de retardar a aproximação dele.

"Ceres!", chamou Paulo.

Ela virou-se e a sua guardiã de armas atirou uma curta lança na sua direção. Quando ela a apanhou, o seu eixo bateu-lhe na palma da mão macia, fazendo com que ela sentisse a madeira áspera. A lança era menor das que talvez fossem usadas numa verdadeira batalha, mas ainda tinha tamanho suficiente para lançar através dos fossos a sua cabeça em forma de folha.

"Vou fazer-te em pedaços", prometeu o lorde de combate, percorrendo a borda à volta.

Com um adversário tão forte, pensava Ceres, a sua melhor esperança era tentar cansá-lo. Quanto tempo conseguiria alguém tão enorme continuar a lutar? Ceres já sentia os seus próprios músculos a arderem-lhe e o suor a escorrer-lhe pelo rosto. Seria pior para o lorde de combate que ela enfrentava?

Era impossível ter a certeza, mas tinha de ser a sua melhor esperança. Então, ela esquivou-se e golpeou usando o comprimento da lança da melhor maneira que conseguiu. Ela conseguiu escapar-se por entre as defesas do enorme guerreiro, apesar de a lança apenas ter tinido da armadura dele.

O lorde de combate deu pontapés na poeira em direção aos olhos de Ceres, mas ela virou-se a tempo. Ela rodopiou para trás e atirou a lança baixa, em direção às pernas desprotegidas dele. Ele saltou, desviando-se daquele lançamento, mas ela conseguiu fazer-lhe outro ferimento ao longo do seu antebraço ao desembainhar novamente a lança.

Ceres, agora, incitava com golpes baixos e altos, apontando para os membros do seu oponente. O grande homem atacava e bloqueava, tentando encontrar uma maneira para além da ponta de ataque, mas Ceres mantinha-o em movimento. Ela golpeou em direção ao seu rosto, na esperança, pelo menos, de o conseguir distrair.

O lorde de combate apanhou a lança. Ele agarrou a lança por trás da cabeça da mesma, puxando-a para a frente e desviando-se. Ceres teve de a largar, porque ela não queria correr o risco de ser puxada na direção da espada do homem grande. O seu oponente partiu a lança com um joelho, tão facilmente quanto poderia ter partido um galho.

A multidão vibrou.

Ceres sentiu um suor frio pela sua espinha. Por um instante, ela imaginou o homem grande a partir o seu corpo com a mesma facilidade. Ela engoliu em seco só de pensar e preparou a sua espada novamente.

Quando os golpes seguintes vieram, ela agarrou o punho da espada com ambas as mãos, porque era a única maneira de absorver um pouco da força dos ataques do lorde de combate. Mesmo assim, era incrivelmente difícil. Cada golpe parecia como se ela fosse um sino a ser atingido por um martelo. Cada um enviava ondas de choque que lhe percorriam os braços.

Ceres já se sentia cansada com os ataques. Cada respiração era irregular, parecendo que respirava à força. Não havia dúvida agora sobre tentar contra-atacar, ou fazer qualquer coisa, que não fosse recuar e ter esperança.

E então aconteceu. Lentamente, Ceres sentiu o poder a crescer dentro de si. Vinha acompanhado de um calor, como as primeiras brasas de uma fogueira. Instalou-se na sua barriga, à sua espera. Ceres agarrou-o.

A energia percorreu-a. O mundo desacelerou, movendo-se como se a rastejar, e, de repente, ela sentiu que tinha todo o tempo do mundo para aparar o próximo ataque.

Ela tinha toda a força, também. Ela bloqueou o ataque facilmente e, em seguida, oscilou a espada ao redor e golpeou o braço do lorde de combate num ápice.

"Ceres! Ceres!", gritava a multidão.

Ela via a raiva do lorde de combate a crescer enquanto o cântico da multidão continuava. Ela podia entender o porquê. Era suposto eles ecoarem cânticos por ele, proclamando a sua vitória, disfrutando da morte dela.

Ele rugia, avançando para o ataque. Ceres esperou durante o tempo que se conseguiu atrever, obrigando-se a ficar parada até ele quase a alcançar.

Então ela baixou-se. Ela sentiu o assobio da espada dele a passar-lhe sobre a cabeça, e, depois, a areia áspera quando os seus joelhos tocaram no chão. Ela atirou-se para a frente, balançando a sua espada à volta, num arco, que embateu contra as pernas do lorde de combate quando ele passou.

Ele caiu de cara no chão e a sua espada caiu-lhe das mãos.

A multidão foi à loucura.

Ceres ficou em cima dele, a olhar para a cena horrível que a sua espada tinha provocado nas pernas dele. Por um momento, ela perguntou-se se ele conseguiria levantar-se mesmo naquele estado, mas ele caiu novamente, virando-se de costas e levantando uma mão enquanto implorava por misericórdia. Ceres retinha-o, olhando em volta para os membros da realeza que decidiriam se o homem que estava à frente dela viveria ou morreria. De qualquer forma, ela havia decidido, ela não mataria um guerreiro indefeso.

Ouviu-se outro toque de trombeta.

Um rugido seguiu-se quando os portões de ferro na parte lateral da arena se abriram. O seu tom foi o suficiente para arrepiar Ceres. Naquele momento, ela sentiu-se nada mais do que uma presa, algo a ser caçado, algo que tinha de fugir. Ela atreveu-se a olhar para cima na direção do recinto real, sabendo que tal tinha de ser deliberado. A luta tinha acabado. Ela tinha ganhado. No entanto, isso não era suficientemente bom. Ela apercebeu-se que eles a iam matar, de uma forma ou de outra. Eles não a deixariam sair viva do Stade.

Uma criatura apareceu ali, desajeitadamente, maior do que um ser humano, coberta de pelo desgrehado. Tinha os caninos para fora, um focinho parecido com um urso e saliências espinhosas estendiam-se ao longo das suas costas. Os seus pés tinham garras do comprimento de adagas. Ceres não sabia o que aquilo era, mas também não precisava porque sabia que seria mortal.

A criatura parecida com um urso caiu de quatro e correu para a frente, enquanto Ceres preparou a sua espada.

Chegou primeiro ao lorde de combate caído no chão. Ceres teria desviado o olhar se se atrevesse. O homem gritou quando a criatura atacou. Era impossível ele ter rebolado para se desviar do caminho a tempo. Aquelas patas gigantes esmagavam-no. Ceres ouvia o ruído da sua armadura peitoral a ceder. A fera rugia enquanto atacava selvaticamente o seu anterior oponente.

Quando a fera olhou para cima, os seus caninos estavam molhados de sangue. Ela olhou para Ceres, arreganhou os dentes e avançou para atacar.

Ela mal se conseguiu afastar a tempo, golpeando com a sua espada à medida que a criatura passava. A criatura deu um grito de dor.

No entanto, um puro impulso arrancou a espada das mãos de Ceres, parecendo que tal lhe iria arrancar o braço se ela não a largasse. Horrorizada, ela viu a sua espada a girar pela areia, caindo num dos fossos.

O animal continuou a avançar. Ceres, frenética, olhou para o local na areia onde as duas partes partidas da lança estavam. Ela mergulhou para as apanhar, agarrando uma das partes, rebolando num único movimento.

Quando ela se pôs num joelho para se levantar, já a criatura estava a avançar. Ceres não podia fugir, dizia ela a si mesma. Esta era a sua única oportunidade.

A criatura embateu nela. O peso e a velocidade da coisa levantaram Ceres. Não houve tempo para pensar, não houve tempo para ter medo. Ceres empurrava com a parte partida da lança, golpeando sem parar, enquanto as patas da besta tipo urso lhe apertavam o cerco.

A força da criatura era terrível, demasiada para se igualar. Ceres sentia como se as suas costelas pudessem estourar com a pressão da criatura, com a sua armadura peitoral a ranger sob a força da criatura. Ela sentiu as suas garras a arranharem-lhe as costas e as pernas, numa lancinante agonia.

A pele da criatura era muito grossa. Ceres atacava-a sem parar, mas ela sentia que a ponta da lança mal penetrava a sua carne. A criatura estava a dilacerá-la, com as suas garras a rasgarem toda a pele que ela tivesse exposta.

Ceres fechou os olhos. Com tudo o que tinha, ela foi buscar todo o poder dentro de si, mesmo sem saber se funcionaria.

Ela sentiu a surgir em si uma bola de poder. Então, ela colocou toda a sua força na sua lança, empurrando-a para cima na direção do espaço onde ela esperava que o coração da criatura estivesse.

O animal gritou, recuando para longe dela.

A multidão vibrava.

Ceres, sofrendo com a dor dos seus arranhões, saiu, cambaleando, de baixo da criatura, levantando-se em fraqueza. Ela olhou para baixo enquanto a besta, com a lança alojada no seu coração, rolava e gemia, fazendo um som que parecia pequeno demais para algo tão grande.

Em seguida, a criatura ficou rija e morreu.

"Ceres! Ceres! Ceres!"

O Stade aclamava novamente. Para onde quer que Ceres olhasse, havia pessoas a chamar pelo nome dela. Nobres e pessoas comuns pareciam estar, igualmente, a juntarem-se aos cânticos, perdendo-se a si mesmos naquele momento da vitória dela.

"Ceres! Ceres! Ceres!"

Ela deu por si a sorver o acontecimento. Era impossível não ser apanhada pelo sentimento de adulação. Todo o seu corpo parecia pulsar em sincronia com o cantar que a rodeava. Ela estendeu as mãos como se para acolher tudo aquilo. Ela virou-se lentamente em círculo, observando os rostos daqueles que no dia anterior nem sequer tinham ouvido falar dela, mas que agora estavam a tratá-la como se ela fosse a única pessoa no mundo que importasse.

Ceres estava tão entregue àquele momento que quase já não sentia a dor das feridas. Ela levou a mão ao ombro, que agora lhe doía. A mão saiu molhada, embora o sangue ainda estivesse vermelho brilhante à luz do sol.

Ceres olhou para aquela mancha por alguns segundos. A multidão ainda estava a entoar o seu nome, mas o pulsar do seu coração nos seus ouvidos, de repente, parecia muito mais alto. Ela olhou para a multidão, demorando um momento para perceber que estava de joelhos. Ela não se conseguia lembrar de ter caído de joelhos.

Do canto do olho, Ceres podia ver Paulo correndo para a frente, mas tal parecia muito distante, como se não tivesse nada a ver com ela. O sangue escorria dos seus dedos para a areia, escurecendo-a onde tocava. Ela nunca se tinha sentido tão tonta, tão estonteada.

De repente, ela deu por si a cair de cara no chão da arena, sentindo-se incapaz de alguma vez se voltar a mover novamente.

CAPÍTULO DOIS

Thanos abriu os olhos lentamente, confuso ao sentir as ondas a baterem-lhe nos tornozelos e pulsos. Por baixo dele, ele sentia a areia branca arenosa das praias de Haylon. Ocasionalmente, o sal que era pulverizado enchia-lhe a boca, tornando-se difícil respirar.

Thanos olhou para os lados ao longo da praia, incapaz de fazer mais do que isso. Mesmo aquilo era uma luta, já que ele entrava e saía do seu estado de consciência. Ele pensava estar a ver chamas ao longe e a distinguir sons de violência. Ele ouvia gritos, juntamente com o som de aço a embater em aço.

A ilha, ele lembrava-se. Haylon. O ataque deles tinha começado.

Então, porque estava ele deitado na areia?

Levou um momento até que a dor no seu ombro lhe respondeu a essa pergunta. Lembrou-se, e estremeceu com a lembrança. Lembrou-se do momento em que a espada tinha mergulhado em si, lancetando-o na sua parte superior das costas. Lembrou-se do choque com isso uma vez que Typhoon o havia traído.

A dor percorria o corpo de Thanos, expandindo-se como uma flor a partir do ferimento nas costas. Cada respiração doía-lhe. Ele tentou levantar a cabeça - mas apenas conseguiu desmaiar.

Quando voltou a acordar, Thanos estava novamente virado para baixo na areia, e ele apenas conseguia dizer que o tempo tinha passado, porque a maré tinha subido um pouco, com a água a bater-lhe agora na cintura ao invés de nos tornozelos. Ele conseguiu, finalmente, levantar a cabeça o suficiente para ver que havia outros corpos na praia. Os mortos pareciam cobrir o mundo, estendidos sobre as praias de areia branca, tanto quanto ele conseguia ver. Viu homens com a armadura do Império, esparramados onde tinham caído, misturados com os defensores que tinham morrido a proteger as suas casas.

O fedor da morte enchia as narinas de Thanos, e era tudo o que ele conseguia fazer para não vomitar. Ninguém tinha ainda separado os mortos em amigos e inimigos. Tais subtilidades podiam esperar pelo fim da batalha. Talvez o Império deixasse isso nas mãos da maré; um olhar para trás mostrou sangue na água, e Thanos conseguiu ver as barbatanas a rebentar as ondas. Porém, não eram tubarões grandes, necrófagos em vez de caçadores - mas precisariam eles de ser muito grandes para o devorar quando a maré subisse?

Thanos sentiu uma onda de pânico. Ele tentou arrastar-se até a praia, puxando com os braços como se estivesse a tentar escalar pela areia. Ele gritava de dor ao tentar puxar-se para a frente, talvez a metade do comprimento do seu corpo.

A escuridão apoderou-se da sua visão novamente.

Quando voltou a si, Thanos estava de lado, a olhar para as figuras que estavam agachadas sobre si, perto o suficiente para lhes conseguir tocar, se tivesse forças para fazê-lo. Eles não se pareciam com soldados do Império. Na verdade, não se pareciam sequer com soldados. Thanos tinha passado tempo suficiente rodeado de guerreiros para saber a diferença. Aqueles, um homem mais jovem e um mais velho, pareciam-se mais com agricultores, homens comuns, que provavelmente tinham fugido das suas casas para evitar a violência. Isso não queria dizer que eles fossem menos perigosos, apesar de tudo. Ambos possuíam facas, e Thanos deu por si a perguntar-se se eles podiam ser tão necrófagos como os tubarões. Ele sabia que havia sempre aqueles que procuravam roubar os mortos após as batalhas.

"Este ainda está a respirar", disse o primeiro deles.

"Eu a ver. Corta-lhe simplesmente a garganta e acaba já com isto".

Thanos ficou tenso, com o seu corpo a preparar-se para lutar, mesmo não havendo nada que pudesse fazer naquele momento.

"Olha para ele", insistiu o homem mais jovem. "Alguém o esfaqueou nas costas."

Thanos viu o homem mais velho a franzir ligeiramente as sobrancelhas para aquilo. Deslocou-se à volta, para trás de Thanos, fora da sua linha de visão. Thanos conseguiu evitar gritar novamente quando o homem tocou no local onde o sangue ainda saía da ferida. Ele era um príncipe do Império. Ele não ia mostrar fraqueza.

"Parece que estás certo. Ajuda-me a levá-lo até onde os tubarões não o apanhem. Os outros vão querer ver isto."

Thanos viu o homem mais jovem acenar, e, juntos, eles conseguiram levantá-lo, com a armadura e tudo. Desta vez, Thanos gritou, incapaz de parar a dor à medida que eles o puxavam pela praia acima.

Deixaram-no como um tronco flutuante, para além do ponto onde a maré tinha deixado para trás as algas, abandonando-o na areia seca. Eles afastaram-se num ápice, mas Thanos estava com demasiadas dores para os ver a irem-se embora.

Não havia nenhuma maneira de ele saber quanto tempo tinha passado. Ele ainda conseguia ouvir ao fundo a batalha, com os seus gritos de violência e raiva, os seus gritos de guerra e as suas cornetas de aviso. Uma batalha podia durar minutos ou horas, apesar de tudo. Podia terminar na primeira leva, ou continuar até que nenhum dos lados tivesse força para fazer mais do cambalear. Thanos não tinha nenhuma maneira de saber qual das situações aquela era.

Por fim, um grupo de homens aproximou-se. Pareciam-se efetivamente com soldados, com uma maior agressividade que só os homens que tinham lutado durante toda a sua vida tinham. Era fácil ver qual deles era o líder. O homem alto, de cabelos escuros, que estava à frente não usava a elaborada armadura trabalhada que um general do Império talvez devesse usar, mas todos ali olhavam para ele à medida que o grupo se aproximava, obviamente, aguardando ordens.

O recém-chegado estava provavelmente na casa dos trinta, com uma barba curta tão escura como o resto do seu cabelo, e uma estrutura que, ainda assim, o fazia parecer ter força. Ele tinha uma espada curta em cada quadril. Thanos imaginava que não fossem apenas para serem exibidas, a julgar pela forma como as suas mãos pairavam automaticamente perto dos punhos. Pela sua expressão, Thanos achava que ele estava silenciosamente a calcular todos os ângulos presentes na praia, considerando cuidadosamente a possibilidade de uma emboscada, sempre antecipando os acontecimentos. Os olhos dele detiveram-se nos de Thanos, e o sorriso que se seguiu tinha, por detrás, um estranho tipo de humor, como se o seu dono tivesse visto algo no mundo que mais ninguém tinha.

"Foi para ver isto que vocês me trouxeram até aqui?", perguntou ele, quando os dois que tinham encontrado Thanos se chegaram à frente. "Um soldado Imperial a morrer numa armadura demasiado brilhante para si?"

"Um nobre porém", disse o mais velho. "Consegues ver isso pela armadura."

"E ele foi apunhalado pelas costas", o mais jovem salientou. "Pelos seus próprios homens, ao que parece."

"Então ele nem sequer é bom o suficiente para a escumalha que está a tentar tomar a nossa ilha?", perguntou o líder.

Thanos observava enquanto o homem se aproximava, ajoelhando-se ao seu lado. Talvez ele pretendesse terminar o que o Typhoon tinha começado. Nenhum soldado de Haylon teria qualquer amor por aqueles no seu lado do conflito.

"O que é que fizeste para o teu próprio lado te tentar matar?", perguntou o recém-chegado, num tom tão baixo que só Thanos o conseguiu ouvir.

Thanos conseguiu encontrar a força para abanar a cabeça. "Eu não sei." As palavras saíram-lhe entorpecidas. Mesmo se ele não tivesse sido ferido, ele havia estado estendido na areia muito tempo. "Mas eu não queria isto. Eu não queria lutar aqui."

Tal provocou mais um daqueles sorrisos estranhos. Thanos pensava que ele se estava a rir do mundo, apesar de não haver nada para rir.

"E, no entanto, estás aqui", disse o recém-chegado. "Tu não querias fazer parte de uma invasão, mas estás nas nossas praias, em vez de estares seguro em casa. Tu não querias oferecer-nos a violência, mas o exército do Império está a queimar casas enquanto falamos. Sabes o que está acontecer naquela praia?"

Thanos abanou a cabeça. Até aquilo doía.

"Estamos a perder", continuou o homem. "Oh, nós estamos a lutar com todas as nossas forças, mas isso não importa. Não com estas hipóteses. A batalha ainda está ao rubro, mas isso é só porque uma metade do meu lado é demasiado teimosa para reconhecer a verdade. Não temos tempo suficiente para distrações como esta."

Thanos viu o recém-chegado a desembainhar uma das suas espadas. Parecia perversamente afiada. Tão afiada que ele provavelmente não iria sequer senti-la quando ela mergulhasse no seu coração. Em vez disso, porém, o outro homem gesticulou com ela.

"Tu e tu", disse ele aos homens, "tragam o nosso novo amigo. Talvez ele valha alguma coisa para o outro lado", disse ele sorrindo maleficamente. "E se não valer, eu próprio o matarei."

A última coisa que Thanos sentiu foram umas mãos fortes a agarrarem-no por debaixo dos braços, puxando-o para cima, arrastando-o para longe, antes de ele finalmente resvalar novamente para a escuridão.

CAPÍTULO TRÊS

Berin sentia a dor da saudade enquanto ia pelo caminho fora na direção da sua casa em Delos, sendo que pensar na sua família – em Ceres, era a única coisa que lhe dava forças para continuar. Pensar em voltar para a sua filha era o suficiente para ele insistir, mesmo tendo achado que os dias de caminhada eram árduos, em caminhos difíceis com sulcos e pedras, sob os seus pés. Os seus ossos não estavam cada vez mais jovens, e ele já sentia dores nos joelhos por causa da sua jornada, que se somavam às dores que vinham de uma vida passada a martelar e a aquecer metal.

Porém, tudo valia a pena para ver a sua casa novamente. Para ver a sua família. Durante todo o tempo em que Berin tinha estado afastado, era tudo o que ele queria. Ele conseguia imaginá-lo agora. Marita estaria a cozinhar na parte de trás da humilde casa de madeira e o cheiro estaria a flutuar na direção da rua pela porta da frente. Sartes estaria a brincar algures nas traseiras, provavelmente com Nasos a observá-lo, mesmo que o seu filho mais velho estivesse a fingir que não estava.

E, depois, estaria Ceres. Ele amava todos os seus filhos, mas com Ceres tinha sempre havido aquela ligação extra. Ela tinha sido a única a ajudá-lo na forja, aquela que mais tinha tomado o seu lugar, e que parecia ser a que, mais provavelmente, seguiria os seus passos. Deixar Marita e os rapazes tinha sido um doloroso dever, necessário para conseguir sustentar a sua família. Deixar Ceres para trás tinha sido como se ele tivesse abandonado uma parte de si mesmo ao partir.

Agora estava na hora de o recuperar.

Berin apenas desejava levar notícias mais felizes. Ele caminhava ao longo do cascalho que o levava de volta à sua casa, e ele franziu a testa; ainda não era inverno, mas seria em breve. O plano tinha sido ele sair e encontrar trabalho. Os lordes estavam sempre a precisar de couteiros para fornecer armas aos seus guardas, às suas guerras, às suas Matanças. No entanto, eles não precisavam dele. Eles tinham os seus próprios homens. Homens mais jovens e fortes. Até mesmo o rei que tinha parecido querer o seu trabalho queria Berin como ele era há dez anos.

O pensamento magoava-o, mas ele sabia que deveria ter calculado que eles não teriam necessidade de um homem com uma barba mais cinza do que preta.

Tal tê-lo-ia magoado mais se não significasse que ele tinha de ir para casa. Para Berin, a sua casa era o que lhe importava, mesmo sendo pouco mais do que um quadrado de paredes de madeira mal serrada, coberta por um telhado de colmo. A sua casa era acerca das pessoas que lá estavam à espera, e pensar nelas era o suficiente para fazê-lo acelerar os seus passos.

No entanto, quando subiu uma colina e a avistou, Berin sabia que algo estava errado. Ficou aterrorizado. Berin sabia como era a sua casa. Apesar de toda a aridez do terreno circundante, a sua casa era um lugar cheio de vida. Havia sempre barulho, quer fosse de alegria ou de discussão. Naquela época do ano, haveria sempre, também, pelo menos algumas culturas a crescerem no terreno à sua volta, com legumes e pequenos arbustos de bagas, coisas resistentes que, pelo menos, produziam sempre alguma coisa para alimentá-los.

Isso não era o que ele via diante de si.

Berin desatou a correr, naquele momento, tanto quanto conseguiu, depois de tanto tempo a caminhar, com a sensação de que algo estava errado a corrompê-lo, sentindo como se um dos seus tornos estivesse a apertar o seu coração.

Ele alcançou a porta e abriu-a totalmente. Talvez, pensou ele, estivesse tudo bem. Talvez eles o tivessem visto e estivessem todos apenas a garantir que a sua chegada seria uma surpresa.

Estava escuro lá dentro. As janelas estavam incrustadas com sujidade. E ali estava uma presença.

Marita estava na sala principal, mexendo uma panela que cheirava demasiado a azedo para Berin. Ela virou-se para ele quando ele entrou de rompante. E quando ela se virou, Berin soube que ele tinha razão. Algo estava errado. Algo estava muito errado.

"Marita?", começou ele.

"Marido". Até mesmo a forma seca como ela lhe disse aquilo fê-lo perceber que nada estava como deveria. De todas as outras vezes que ele tinha estado fora, Marita atirava-se para os seus braços quando ele aparecia à porta. Ela parecia sempre que estava cheia de vida. Agora, ela parecia... vazia.

"O que é que está a acontecer aqui?", perguntou Berin.

"Eu não sei o que é que queres dizer com isso." Mais uma vez, houve menos emoção do que deveria ter havido, como se algo na sua esposa se tivesse destruído, deixando toda a alegria sair de si.

"Porque é que tudo por aqui está tão... calmo?", quis saber Berin. "Onde estão os nossos filhos?"

"Eles não estão aqui agora", disse Marita. Ela voltou para a panela como se estivesse tudo perfeitamente normal.

"Onde eles estão, então?", Berin não ia desistir. Ele acreditava que os rapazes pudessem ter ido para o riacho mais próximo ou tivessem coisas para fazer, mas um dos seus filhos, pelo menos, tê-lo-ia visto a chegar a casa e teria ido lá ir ter com ele. "Onde está Ceres?"

"Ah, sim", disse Marita, e Berin conseguiu naquele momento ouvir a amargura dela naquelas palavras. "Claro que perguntarias por ela. Não como as coisas estão comigo. Não pelos teus filhos. Por ela."

Berin nunca tinha ouvido a sua esposa a falar assim antes. Oh, ele sempre soubera que havia algo de duro em Marita, mais preocupada consigo do que com o resto do mundo, mas agora parecia como se o seu coração estivesse em cinzas.

Depois, Marita pareceu acalmar-se. Mas a velocidade absoluta com que ela o fez, fez com que Berin ficasse desconfiado.

"Queres saber o que é que a tua preciosa filha fez?", disse ela. "Ela fugiu."

A apreensão de Berin aprofundou-se. Ele abanou a cabeça. "Eu não acredito nisso."

Marita continuou. "Ela fugiu. Não disse para onde ia, limitou-se a roubar de nós o que conseguiu quando se foi embora."

"Nós não temos dinheiro para roubar", disse Berin. "E Ceres nunca faria isso."

"É claro que vais ficar do lado dela", disse Marita. "Mas ela levou... coisas daqui, posses. Tudo o que ela pensou que conseguia vender na próxima cidade, se bem a conheço. Ela abandonou-nos."

Se era aquilo que Marita pensava, então Berin tinha certeza que ela nunca tinha conhecido a sua própria filha. Ou nunca o tinha conhecido a ele, se ela pensava que ele iria acreditar numa mentira tão óbvia. Ele agarrou-a pelos ombros, e, mesmo não tendo a mesma força de outros tempos, Berin ainda era forte o suficiente para que a sua esposa se sentisse frágil, por comparação.

"Diz-me a verdade, Marita! O que aconteceu aqui?", Berin abanou-a, como se, de alguma forma, tal pudesse trazer de volta a versão antiga da sua esposa, e ela pudesse, de repente, voltar a ser a Marita com que ele se tinha casado há tantos anos. Mas tal apenas fez com que ela se afastasse.

"Os teus filhos estão mortos!", gritou-lhe Marita. As palavras preencheram a sua pequena casa, como um grunhido. O tom da voz dela baixou. "Foi isso que aconteceu. Os nossos filhos estão mortos."

As palavras atingiram Berin como um pontapé de um cavalo que não se queria ferraduras. "Não", disse ele. "É mais uma mentira. Tem de ser."

Ele não conseguia lembrar-se de outra coisa que Marita pudesse ter dito que o tivesse magoado tanto. Ela só podia estar a dizer aquilo para o magoar.

"Quando é que decidiste que me odiavas tanto?", perguntou Berin, porque essa era a única razão que ele conseguia arranjar para que ela lhe atirasse para cima algo tão vil, usando a ideia da morte dos seus filhos como uma arma.

Naquele momento Berin pode ver lágrimas nos olhos de Marita. Não tinha havido nenhuma quando ela tinha falado acerca da filha deles supostamente ter fugido.

"Quando decidiste abandonar-nos", disse ela de repente. "Quando eu tive de ver Nasos a morrer!"

"Só Nasos?", disse Berin.

"Não é suficiente?", gritou Marita de volta. "Ou não te preocupas com os teus filhos?"

"Há pouco disseste que Sartes estava morto também", disse Berin. "Para de me mentir, Marita!"

"Sartes também está morto", a sua esposa insistiu. "Os soldados vieram e levaram-no. Eles levaram-no para ele ser uma parte do exército do Império, e ele é apenas um rapaz. Quanto tempo é que achas que ele vai sobreviver sendo parte daquilo? Não, ambos os meus dois rapazes partiram, enquanto Ceres..."

"O quê?", exigiu saber Berin.

Marita apenas abanou a cabeça. "Se estivesses estado aqui, talvez até nem tivesse acontecido."

"Tu estavas aqui", argumentou Berin, a tremer por todos os lados. "A questão era essa. Achas que eu queria ir? Era suposto tu ficares a cuidar deles enquanto eu arranjava dinheiro para podermos comer."

O desespero tomou conta de Berin, que começou a chorar, como já não fazia desde criança. O seu filho mais velho estava morto. Apesar de todas as outras mentiras com que Marita se saía, aquela soava a verdadeira. A perda deixava um buraco que parecia ser impossível de preencher, mesmo com a tristeza e raiva que estava a crescer dentro de si. Ele obrigou-se a concentrar-se nos outros, porque parecia ser a única maneira de impedir que ficasse devastado.

"Os soldados levaram Sartes?", perguntou ele. "Os soldados do Império?"

"Achas que eu te estou a mentir acerca disso?", perguntou Marita.

"Eu não sei mais em que acreditar", respondeu Berin. "Nem sequer os tentaste deter?"

"Eles tinha uma faca apontada ao meu pescoço", disse Marita. "Eu tive de o fazer."

"Tiveste de fazer o quê?", perguntou Berin.

Marita abanou a cabeça. "Eu tive de o chamar lá de fora. Eles ter-me-iam matado."

"Então entregaste-o a eles, ao invés?"

"O que é que achas que eu poderia fazer?", exigiu saber Marita. "Tu não estavas aqui."

E Berin iria provavelmente sentir-se culpado por aquilo enquanto vivesse. Marita estava certa. Talvez se ele estivesse estado ali, aquilo não tivesse acontecido. Ele tinha ido para fora, procurando evitar que a sua família morresse de fome, e, enquanto ele tinha estado afastado, as coisas tinham-se desmoronado. Sentir-se culpado não substituí a dor ou a raiva, ainda assim. Apenas se fazia crescer aquelas. Tal agitava-se dentro de Berin, como se fosse algo vivo a lutar para sair.

"E Ceres?", quis ele saber. Ele abanou Marita novamente. "Conta-me! A verdade desta vez. O que é que fizeste?"

Porém, Marita simplesmente afastou-se outra vez, e, sentando-se de calcanhares no chão, enrolou-se, sem sequer olhar para ele. "Descobre por ti mesmo. Fui eu que tive de viver com isto. Eu, não tu."

Havia uma parte de Berin que queria continuar a abaná-la até que ela lhe desse uma resposta. Que queria obrigá-la a dizer a verdade, custasse o que custasse. No entanto, ele não era esse tipo de homem, e sabia que nunca poderia ser. Só de pensar nisso sentia-se repugnado.

Ele não levou nada de casa quando se foi embora. Não havia nada que ele quisesse de lá. Ao olhar novamente para Marita, tão embrulhada na sua própria amargura por ter desistido do seu filho, tentando disfarçar o que tinha acontecido aos seus filhos, era difícil acreditar que alguma vez tivesse acontecido.

Berin saiu para a rua, enquanto enxugava o que restava das suas lágrimas. Foi só quando o brilho do sol lhe bateu que ele percebeu que não tinha ideia do que ia fazer a seguir. O que é que ele poderia fazer? Não ia ajudar o seu filho mais velho, não agora, enquanto os outros podiam estar em qualquer lugar.

"Isso não importa", Berin disse para si mesmo. Ele sentia a sua determinação a transformar-se em algo como o ferro em que ele trabalhava. "Isso não me vai impedir."

Talvez alguém nas proximidades tivesse visto para onde eles tinham ido. Certamente, alguém saberia onde o exército estava, e Berin sabia tão bem quanto qualquer um, que um homem que fazia espadas podia sempre encontrar uma maneira de chegar mais perto do exército.

Quanto a Ceres... haveria algo. Ela devia estar em algum lugar. Porque a alternativa era impensável.

Berin olhou para a paisagem que circundava a sua casa. Ceres estava algures. E Sartres também. Ele disse as palavras que se seguiram em voz alta, porque fazê-lo parecia transformá-las numa promessa, para si mesmo, para o mundo, para os seus filhos.

"Vou encontrar-vos a ambos", prometeu ele. "Custe o que custar."

CAPÍTULO QUATRO

A respirar com dificuldade, Sartes corria entre as tendas do exército, segurando o pergaminho na sua mão e limpando o suor dos seus olhos, sabendo que se não alcançasse a tenda do seu comandante em breve seria açoitado. Ele baixou-se e serpenteou pelo caminho o melhor que conseguiu, sabendo que o seu tempo se estava a esgotar. Ele já havia sido retido demasiadas vezes.

Sartes já tinha marcas de queimaduras nas pernas dos tempos em que não tinha conseguido, sendo a chicotada deles apenas mais uma entre muitas até agora. Ele pestanejava, desesperado, olhando ao redor do acampamento do exército, tentando discernir qual a direção correta para continuar a correr entre a infinita grelha de tendas. Havia sinais e normas para assinalar o caminho, mas ele ainda estava a tentar aprender a decifrá-los.

Sartes sentiu algo a agarrar-lhe o pé, e, então, ele tropeçou, e o mundo pareceu virar-se de cabeça para baixo quando ele caiu. Por um momento ele pensou que tinha tropeçado numa corda, mas, depois, ele olhou para cima e viu soldados a rirem-se. O que estava do lado da sua cabeça era um homem mais velho, com cabelo restolho e curto a ficar grisalho e com cicatrizes de muitas batalhas.

Então, o medo apoderou-se de Sartes, mas também uma espécie de resignação; esta era simplesmente a vida no exército para um recruta como ele. Ele não exigia saber porque o outro homem tinha feito aquilo, porque era certo que se ele dissesse alguma coisa lhe bateriam. Tanto quanto ele conseguia perceber, praticamente qualquer coisa que ele fizesse serviria para eles lhe baterem.

Em vez disso, ele levantou-se, afastando o pior da lama da sua túnica.

"O que é que vais fazer, filhote?", exigiu saber o soldado que o tinha feito tropeçar.

"Fazer um recado ao meu comandante, senhor", disse Sartes, levantando um pedaço do pergaminho para o outro homem ver. Ele esperava que tal fosse suficiente para mantê-lo seguro. Muitas vezes não era, apesar de as regras que diziam que as ordens tinham precedência sobre qualquer outra coisa.

Desde que havia ali chegado que Sartes tinha aprendido que o exército do Império tinha muitas regras. Algumas eram oficiais: sair do acampamento sem permissão, recusar-se a seguir ordens, trair o exército, e poder-se-ia ser morto. Marchar de forma errada, fazer qualquer coisa sem permissão, e poder-se-ia ser espancado. Mas havia outras regras também. Menos oficiais cuja infração poderia ser igualmente perigosa.

"E que recado seria esse?", exigiu saber o soldado. Outros estavam agora a aproximar-se. O exército tinha sempre falta de fontes de entretenimento, por isso, quando havia a perspectiva de um pouco de diversão à custa de um recruta, as pessoas prestavam atenção.

Sartes fazia o seu melhor para parecer que não tinha culpa. "Eu não sei, senhor. Eu só tenho ordens para entregar esta mensagem. Podes lê-la, se quiseres."

Aquele era um risco calculado. A maioria dos soldados comuns não sabia ler. Ele esperava que o tom com que tinha dito aquilo não o fizesse ganhar um puxão de orelhas por insubordinação, mas tentou não demonstrar qualquer medo. Não mostrar medo era uma das regras que não estava escrita. O exército tinha, pelo menos, tantas daquelas regras como das oficiais. Regras sobre quem tinhas de conhecer para obter comida melhor. Sobre quem conhecia quem, e de quem tinhas de ter cuidado, independentemente da patente. Conhecê-las parecia ser a única maneira de sobreviver.

"Bem, é melhor que continues com isso, então!", vociferou o soldado, dando um pontapé a Sartes para o pôr em movimento. Os outros ali riram-se como se fosse a melhor piada que tinham visto.

Uma das maiores regras não escritas parecia ser que os novos recrutas eram jogo limpo. Desde que Sartes tinha chegado, tinha sido espancado, esmurrado e empurrado. Tinham-no obrigado a correr até ele se sentir a colapsar e, em seguida, obrigá-lo a correr um pouco mais. Ele tinha sido obrigado a carregar com tanta coisa que ele tinha sentido que mal conseguia ficar de pé, obrigado a

transportá-las, a cavar buracos no chão sem motivo aparente, obrigado a trabalhar. Ele tinha ouvido histórias de homens nas fileiras que gostavam de fazer pior aos novos recrutas. Mesmo se morressem, o que é que isso importava para o exército? Eles estavam lá para serem atirados ao inimigo. Todos esperavam que eles morressem.

Sartes tinha pensado que ia morrer no primeiro dia. Até o final do mesmo, ele até tinha sentido que queria. Ele tinha-se enrolado dentro da tenda muito estreita que lhe tinha sido atribuída e estremecia, esperando que o chão o engolisse. Incrivelmente, no dia seguinte tinha sido pior. Outro novo recruta, cujo nome Sartes ainda nem sequer tinha aprendido, tinha sido morto naquele dia. Ele havia sido apanhado a tentar fugir, e todos eles tiveram que assistir a sua execução, como se fosse algum tipo de lição. A única lição que Sartes tinha conseguido aprender era o quão cruel o exército era para quem mostrasse ter medo. Foi quando ele começou a tentar enterrar o seu medo, não o mostrando, mesmo estando sempre lá no fundo quase todos os momentos em que ele estava acordado.

Ele fez um desvio por entre as tendas, naquele momento, mudando de direção ligeiramente para passar por uma das tendas da messe, onde um dia atrás, um dos cozinheiros tinha precisado de ajuda para compor uma mensagem para casa. O exército mal alimentava os seus recrutas e Sartes sentia o seu estômago a fazer barulho com a perspectiva de comida, mas ele não comeu o que levava consigo enquanto corria para a tenda do seu comandante.

"Por onde é que tens andado?", exigiu saber o oficial. O seu tom deixou claro que ter-se atrasado por causa de outros soldados não contaria como uma desculpa. Mas Sartes já sabia disso. Era parte da razão pela qual ele tinha ido à tenda da messe.

"A apanhar isto no caminho, senhor", disse Sartes, estendendo a tarte de maçã que ele tinha ouvido que era a favorita do oficial. "Eu sabia que hoje talvez não a conseguisses obter."

O comportamento do oficial mudou instantaneamente. "Isso é muito atencioso, recruta..."

"Sartes, senhor". Sartes não se atreveu a sorrir.

"Sartes. Davam-nos jeito alguns soldados que soubessem pensar. Embora, da próxima vez, lembra-te de que as ordens têm de vir primeiro."

"Sim, senhor", disse Sartes. "Há alguma coisa que precisas que eu faça, senhor?"

O oficial fez-lhe sinal com a mão para se ir embora. "Neste momento não, mas vou lembrar-me do teu nome. Podes retirar-te."

Sartes deixou o pavilhão do comandante sentindo-se muito melhor do que quando tinha entrado. Ele não tinha certeza de que o pequeno ato fosse suficiente para salvá-lo após o atraso que os soldados tinham causado. Por enquanto, porém, ele parecia ter evitado a punição, tendo conseguido chegar a uma posição em que um oficial sabia quem ele era.

Parecia a ponta da navalha, mas para Sartes todo o exército lhe parecia assim. Até àquele momento, ele tinha sobrevivido no exército por ser inteligente, e por se manter um passo à frente do pior da violência por aqueles lados. Ele tinha visto rapazes da sua idade mortos ou espancados com tanta violência que era óbvio que iriam morrer em pouco tempo. Mesmo assim, ele não tinha certeza se seria capaz de manter-se assim muito tempo. Para um recruta como ele, aquele era o tipo de lugar onde a violência e a morte só poderiam ser adiadas tanto tempo.

Sartes engolia em seco ao pensar em todas as coisas que podiam correr mal. Um soldado podia levar um espancamento demasiado longe. Um oficial podia ofender-se com qualquer pequena ação e ordenar uma punição concebida para dissuadir os outros com a sua crueldade. Ele podia ser empurrado para a batalha a qualquer momento, e ele tinha ouvido falar que os recrutas iam na linha da frente para "eliminar os fracos." Mesmo os treinos podiam ser mortais, quando o exército tinha pouco uso de armas contundentes e os recrutas recebiam pouca instrução real.

O único medo que todos tinham era de que alguém descobrisse que ele tinha tentado juntar-se a Rexus e aos rebeldes. Não deveria haver maneira de o conseguirem, mas até mesmo a mais ínfima possibilidade era suficiente para compensar todos as outras. Sartes tinha visto o corpo de um soldado acusado de ter simpatias junto dos rebeldes. A própria unidade a que ele pertencia tinha sido

ordenada a cortá-lo em pedaços para provar a sua lealdade. Sartes não queria acabar assim. Bastava-lhe pensar naquilo para que o seu estômago se apertasse para além da fome.

"Tu aí!", chamou uma voz. Sartes assustou-se. Era impossível afastar a sensação de que talvez alguém tivesse adivinhado o que ele estava a pensar. Obrigou-se a pelo menos fingir estar calmo. Sartes olhou em volta e viu um soldado com a armadura elaborada e musculosa de um sargento, com marcas tão profundas de varíola nas suas bochechas que eram quase como uma outra paisagem. "És o mensageiro do capitão?"

"Eu acabei de lhe vir trazer uma mensagem, senhor", disse Sartes. Não era bem uma mentira.

"Então és suficiente bom para mim. Vai e descobre para onde foram os carrinhos com o meu material de madeira. Se alguém te causar problemas, diz-lhe que Venn te enviou".

Sartes saudou apressadamente. "É para já, senhor."

Ele correu para a missão, mas não estava concentrado no que tinha em mãos. Ele foi por um caminho mais longo, mais tortuoso. Um caminho que lhe permitia espionar os arredores do acampamento, os seus pontos de estrangulamento, um caminho que lhe permitia espiar quaisquer pontos fracos.

Porque, morto ou não, Sartes iria encontrar uma maneira de escapar naquela noite.

CAPÍTULO CINCO

Lucious abria caminho por entre a multidão de nobres na sala do trono do castelo, fumegando. Ele irritava-se com o facto de que ter de fazer o seu caminho aos empurrões, quando toda a gente ali se devia afastar para o lado e fazer-lhe uma vénia, abrindo caminho para ele passar. Ele irritava-se com o facto de Thanos receber toda a glória, por ter acabado com os rebeldes em Haylon. Acima de tudo, porém, ele irritava-se com a forma como as coisas tinham acontecido no Stade. Aquela prostituta, Ceres, havia arruinado os seus planos mais uma vez.

À frente, Lucious podia ver o rei e a rainha em profunda conversa com Cosmas, o velho tolo da biblioteca. Lucious tinha pensado que tinha visto o último dos estudiosos de idade quando criança, quando era suposto eles todos aprenderem factos absurdos sobre o mundo e o seu funcionamento. Mas não, aparentemente, na sequência da carta que ele tinha fornecido, mostrando a verdadeira traição de Ceres, Cosmas tinha de ser ouvido pelo seu rei.

Lucious continuava a avançar aos empurrões. À sua volta, ele ouvia os nobres da corte a conspirarem. Ele via a sua prima distante, Stephania, não muito longe, a rir-se de alguma piada que outra miúda nobre com uma apresentação perfeita fizera. Ela olhou por cima, apanhando o olhar de Lucious o tempo suficiente para lhe sorrir. Lucious decidiu que ela era, de facto, uma verdadeira cabeça oca. Mas bela. Talvez no futuro, ele pensou, pudesse haver uma oportunidade de passar mais tempo com a miúda nobre. Ele era pelo menos tão impressionante quanto Thanos.

Por enquanto, porém, a raiva de Lucious pelo que tinha acontecido era demasiado grande, para que até mesmo aqueles pensamentos o distraíssem. Ele caminhou até aos pés dos tronos, diretamente até à tribuna que lá se erguia.

"Ela ainda está viva!", deixou ele escapar enquanto se aproximava do trono. Ele não se importava que fosse alto o suficiente para se ouvir por toda a câmara. Deixai-os ouvir, decidiu. Certamente não fazia diferença que Cosmas ainda estivesse a sussurrar para o rei e para a rainha. Lucious indagava-se sobre o que poderia um homem que passava o seu tempo em torno de pergaminhos, eventualmente, ter para dizer que valesse a pena?

"Ouviste-me?", disse Lucious. "A miúda ainda está..."

"Viva, sim", disse o rei, parando-o com uma mão levantada para o silêncio. "Estamos a discutir assuntos mais importantes. Thanos está desaparecido na batalha por Haylon."

O gesto foi apenas mais uma coisa a acrescentar à raiva de Lucious. Ele estava a ser tratado como um servo que se mandava calar, ele pensou. Mesmo assim, ele esperou. O rei não se podia irritar com ele. Além disso, ele precisou de alguma tempo para digerir o que acabara de ouvir.

Thanos estava desaparecido? Lucious tentou perceber como é que isso o afetava. Isso mudaria a sua posição dentro da corte? Ele deu por si a olhar para Stephania novamente, pensativo.

"Obrigado, Cosmas", disse a rainha finalmente.

Lucious observou o discípulo a descer de volta para a multidão de nobres que assistia. Só então o rei e a rainha lhe deram a sua atenção. Lucious tentou ficar em sentido. Ele não deixaria que os outros vissem nem um pouco do ressentimento que o consumia por causa do pequeno insulto. Lucious dizia para si mesmo que se outras pessoas o tivessem tratado daquela forma, ele já as teria matado.

"Estamos cientes de que Ceres sobreviveu à última Matança", disse o Rei Claudius. Para Lucious, ele quase nem sequer parecia incomodado com isso, e nem sequer estava com a mesma raiva que o inundava a ele ao pensar no camponês.

Mas, então, Lucious pensou, o rei tinha sido quem tinha sido derrotado pela miúda. Não uma, mas duas vezes agora, porque ela o tinha derrotado através de alguns truques quando ele tinha ido ao quarto dela para lhe ensinar uma lição também. Lucious sentiu que ele tinha toda a razão, todo o direito de levar a peito a sobrevivência dela.

"Então estás ciente de que não pode ser permitido que continue", disse Lucious. Ele não conseguia manter o tom tão cortês e suave como deveria. "Tens de lidar com ela."

"Tem?", perguntou a Rainha Athena. "Cuidado, Lucious. Nós ainda somos os teus governantes."

"Com respeito, suas majestades", disse Stephania, e Lucious observou-a a deslizar para a frente, com o seu justo vestido de seda. "Lucious está certo. Ceres não pode ser autorizada a viver."

Lucious viu os olhos do rei estreitarem-se ligeiramente.

"E o que é que sugeres que façamos?", exigiu saber o Rei Claudius. "Arrastá-la para as areias e mandá-la decapitar? Foste tu que sugeriste que ela deveria lutar, Stephania. Não podes reclamar se ela não está a morrer tão depressa quanto querias."

Pelo menos Lucious entendeu aquela parte. Não havia nenhum pretexto para a morte dela, e o povo parecia exigir que houvesse um pretexto para aqueles que amava. Era ainda mais surpreendente que eles efetivamente pareciam amá-la. Porquê? Porque ela conseguia lutar um pouco? Tanto quanto Lucious conseguia ver, qualquer idiota conseguia fazer aquilo. Muitos tolos faziam. Se as pessoas tivessem algum bom senso, elas dariam o seu amor onde ele era merecido: aos seus governantes legítimos.

"Eu entendo que ela não pode simplesmente ser executada, sua majestade", disse Stephania, com um daqueles sorrisos inocentes que Lucious tinha notado que ela fazia tão bem.

"Estou feliz que o percebas", disse o rei, com um aborrecimento óbvio. "Também percebes o que aconteceria se ela fosse ferida agora? Agora que ela lutou? Agora que ela ganhou?"

Claro que Lucious compreendia. Ele não era uma criança para quem a política fosse uma coisa do outro mundo.

Stephania resumiu. "Seria fomentar a revolução, sua majestade. As pessoas da cidade podiam revoltar-se."

"Não há aqui nenhum 'podiam'", disse o Rei Claudius. "Nós temos o Stade por uma razão. As pessoas têm uma sede de sangue, e nós damos-lhes o que elas estão à procura. Essa necessidade de violência pode virar-se contra nós facilmente."

Lucious riu-se. Era difícil de acreditar que o rei realmente pensasse que a população de Delos alguma vez os conseguisse aniquilar. Ele já os tinha visto, e eles não eram de provocar um derramamento de sangue. Eles eram uma multidão. Tem de se lhes ensinar uma lição, pensou. Mate-se um número suficiente deles, mostre-se-lhes as consequências das suas ações de forma suficiente dura, e eles, em pouco tempo, ficam em sentido.

"É algo engraçado, Lucious?", perguntou-lhe a rainha. Lucious apercebeu-se da ponta de ironia. O rei e a rainha não gostavam de ser ridicularizados. Felizmente, porém, ele tinha uma resposta.

"É só porque a resposta para tudo isto parece óbvia", disse Lucious. "Eu não estou a pedir para Ceres ser executada. Eu estou a dizer que nós subestimamos as suas habilidades enquanto lutadora. Da próxima vez, não devemos."

"E dar-lhe uma desculpa para se tornar mais popular, se ela ganhar?", perguntou Stephania. "Ela tornou-se amada pelo povo por causa da vitória dela."

Lucious sorriu. "Viste a forma como os plebeus reagem no Stade?", perguntou ele. Ele entendia aquela parte, mesmo se os outros não entendessem.

Ele viu Stephania a fungar. "Eu tento não os ver, primo."

"Mas vais ouvi-los. Eles chamam pelos nomes dos seus favoritos. Eles vociferam por sangue. E quando os seus favoritos caem, então o que é que acontece? Ele olhou à volta, meio que à espera que alguém tivesse uma resposta para ele. Para sua decepção, ninguém o fez. Talvez Stephania não fosse esperta o suficiente para vê-lo. Lucious não se importava com isso.

"Eles chamam pelos nomes dos novos vencedores", explicou Lucious. "Eles amam-os tanto quanto eles amavam os últimos. Oh, eles chamam por esta miúda agora, mas quando ela estiver a

sangrar na areia, eles vão vociferar pela sua morte tão rapidamente quanto pela morte de qualquer outra pessoa. Nós apenas temos de aumentar as probabilidades contra ela um pouco mais."

O rei parecia pensativo com aquilo. "O que é que tinhas em mente?"

"Se isto não der certo", disse a rainha, "eles ainda a vão amar mais."

Finalmente, Lucious conseguia sentir alguma da sua ira a ser substituída por outra coisa: satisfação. Ele olhou para as portas da sala do trono, onde um dos seus assistentes estava à espera. Um estalar de dedos foi o suficiente para que o homem comesse a correr, mas, em seguida, todos os servos de Lucious rapidamente aprenderam que irritá-lo era tudo menos sensato.

"Eu tenho um remédio para isso", disse Lucious, apontando para a porta.

O homem algemado que entrou tinha facilmente mais do que sete pés de altura, com pele negra de ébano e músculos que se notavam por cima do curto kilt que usava. A sua carne estava coberta de tatuagens; o traficante de escravas que tinha vendido o lorde de combate tinha dito a Lucious que cada um representava um inimigo que ele havia matado num único combate, tanto dentro do Império como nas terras no extremo sul, onde ele tinha sido encontrado.

Mesmo assim, para Lucious, a parte mais intimidante de tudo aquilo não era o tamanho do homem ou a sua força. Era o olhar dos seus olhos. Havia algo neles que simplesmente parecia não compreender coisas como compaixão ou misericórdia, dor ou medo. Tal poderia ter-lhes arrancado membro por membro, com satisfação, sem sentir nada. Havia cicatrizes no torso do guerreiro, onde espadas o haviam ferido. Lucious não conseguia imaginar aquela expressão a mudar mesmo assim.

Lucious gostava de observar as reações dos outros ao verem o lutador, acorrentado como um animal selvagem e a persegui-los. Algumas das mulheres faziam pequenos sons de medo, enquanto os homens recuavam às pressas saindo do seu caminho, parecendo sentir instintivamente o quão perigoso aquele homem era. O medo parecia empurrar o vazio à sua frente, e Lucious deleitava-se com o efeito que o seu lorde de combate tinha. Ele observou Stephania a dar um passo para trás desviando-se do caminho, e Lucious sorriu.

"Chamam-lhe o Último Suspiro", disse Lucious. "Ele nunca perdeu uma luta, e nunca deixou um inimigo vivo. Diz olá ao próximo – e último - adversário de Ceres", disse ela a sorrir.

CAPÍTULO SEIS

Ceres acordou para a escuridão, com o quarto iluminado apenas pelo luar filtrado através das persianas e por uma única vela que cintilava. Ela lutava pela consciência, lembrando-se. Lembrava-se das garras da fera a rasgarem-na. Apenas a memória parecia ser suficiente para as dores voltarem. As costas arderam-lhe quando ela deu meia volta, repentinamente e com tanta intensidade que a fizeram gritar. A dor era insuportável.

"Oh," disse uma voz: "dói?"

Uma figura apareceu. Ceres não conseguia distinguir os detalhes ao início, mas aos poucos, eles foram ao lugar. Stephania estava ali sobre a sua cama, tão pálida como os raios de luar que a rodeavam, formando uma imagem perfeita da nobre inocente, ali para visitar os doentes e os feridos. Ceres não tinha dúvida de que era deliberado.

"Não te preocupes", disse Stephania. Para Ceres, as palavras ainda pareciam vir de muito longe, lutando contra o seu caminho através da névoa. "Os curandeiros aqui deram-te algo para te ajudar a dormir enquanto eles te suturavam. Eles pareciam bastante impressionados por ainda estares viva e eles queriam tirar-te as dores."

Ceres viu que ela segurava uma pequena garrafa. Era um verde desmaiado contra a palidez da mão de Stephania, tapada com uma rolha e a brilhar ao redor do aro. Ceres viu a miúda nobre a sorrir, e aquele sorriso parecia como se fosse feito de bordas afiadas.

"Eu não estou impressionada por teres conseguido sobreviver", disse Stephania. "Essa não era de todo a intenção."

Ceres tentou chegar-se a ela. Em teoria, aquele deveria ter sido o momento para escapar. Se ela tivesse sido mais forte, ela poderia ter passado de rompante por Stephania na direção da porta. Se ela conseguisse ter encontrado uma maneira de lutar para além da nebulosidade que parecia que lhe estava a encher a cabeça até ao ponto de rutura, ela poderia ter sido capaz de agarrar Stephania e forçá-la a ajudar na fuga.

No entanto, parecia que o seu corpo apenas lhe obedecia lentamente, respondendo passado muito tempo ao que ela queria. Tudo o que Ceres conseguia fazer era sentar-se com as cobertas envolvidos à sua volta, e, até mesmo isso, trazia-lhe uma nova onda de agonia.

Ela viu um dedo de Stephania a deslizar pela garrafa abaixo. "Oh, não te preocupes, Ceres. Há uma razão para te estares a sentir tão impotente. Os curandeiros pediram para que me certificasse de que tu tinhas a dose da droga deles e foi o que eu fiz. Alguma dela, pelo menos. O suficiente para te manter dócil. Não o suficiente para realmente te tirar as dores."

"O que eu fiz eu para me odiar tanto assim?", perguntou Ceres, embora ela já soubesse a resposta. Ela tinha estado perto de Thanos, e ele tinha rejeitado Stephania. "Será que teres Thanos como marido é realmente assim tão importante para ti?"

"Estás a pronunciar as tuas palavras, Ceres", disse Stephania, com outro daqueles sorrisos, sem qualquer calor por trás dele que Ceres conseguisse ver. "E eu não te odeio. Odiar-te implicaria que tu fosses de alguma forma digna de ser minha inimiga. Diz-me, sabes alguma coisa sobre veneno?"

Só mencioná-lo era o suficiente para fazer o coração de Ceres acelerar, com a ansiedade a florescer no seu peito.

"O veneno é uma arma tão elegante", disse Stephania, como se Ceres nem estivesse lá. "Muito mais do que facas ou lanças. Achas que és tão forte, porque consegues lutar usando as espadas, com todas as lordes de combate reais? No entanto, eu poder-te-ia ter envenenado enquanto dormias, tão facilmente. Eu poderia ter acrescentado algo ao teu sono. Eu poderia simplesmente ter-te dado muito veneno, para que nunca mais acordasses."

"As pessoas teriam sabido," conseguiu dizer Ceres.

Stephania encolheu os ombros. "Ter-se-iam importado? Em qualquer caso, teria sido um acidente. Pobre Stephania, a tentar ajudar, mas sem saber realmente o que estava a fazer, deu à nossa nova lorde de combate demasiado medicamento."

Ela levou a mão à boca, fingindo-se surpreendida. Era uma mímica tão perfeita de choque e remorso, que até mesmo uma lágrima parecia brilhar no canto do olho. Quando voltou a falar, Ceres achou que ela estava diferente. A sua voz estava grossa, pesarosa e descrente. Parecia que estava engasgada, como se estivesse a lutar para conter o impulso de chorar aos soluços.

"Ah não. O que foi que eu fiz? Eu não queria. Eu pensava... eu pensava que tinha feito exatamente tudo da maneira que eles me tinham dito para fazer! "

Então, ela riu-se, e, naquele momento, Ceres viu como ela era. Ela conseguia ver através da atuação que Stephania tão cuidadosamente mantinha o tempo todo. Como é que ninguém via? Ceres perguntou-se. Como é que eles não conseguiam ver o que estava por detrás dos belos sorrisos e das gargalhadas delicadas?

"Todos pensam que eu sou estúpida, sabes", disse Stephania. Ela estava agora mais direita, parecendo agora muito mais perigosa para Ceres do que antes. "Eu esforço-me para garantir que eles achem que eu sou estúpida. Oh, não fiques tão preocupada, eu não te vou envenenar."

"Porque não?", perguntou Ceres. Ela sabia que tinha que haver uma razão.

Ela viu a expressão de Stephania endurecer à luz das velas, franzindo a pele, de outra maneira lisa, da sua testa.

"Porque isso seria muito fácil", disse Stephania. "Depois da maneira como tu e Thanos me humilharam, eu prefiro vê-los sofrer. Ambos merecem isso."

"Não há nada mais que me possas fazer", disse Ceres, embora naquele momento, isso não parecesse ser assim. Stephania poderia ter caminhado até à cama e magoad-a de uma centena de maneiras diferentes, e Ceres sabia que não a conseguiria deter. Ceres sabia que os nobres não tinham ideia de como lutar, mas ela poderia derrotar Ceres facilmente logo de seguida.

"É claro que há", disse Stephania. "Há armas no mundo ainda melhores do veneno. As palavras certas, por exemplo. Vamos ver agora. Qual destas vai doer mais? O teu amado Rexus está morto, claro. Vamos começar por aí."

Ceres tentou que o choque que sentiu não fosse visível no seu rosto. Tentou não deixar que a dor subisse o suficiente para que a miúda nobre a conseguisse ver. No entanto, ela percebeu pelo olhar de satisfação no rosto de Stephania que devia ter havido algum lampejo.

"Ele morreu a lutar por ti", disse Stephania. "Achei que gostarias de saber essa parte. Faz com que seja muito mais... romântico."

"Estás a mentir", insistiu Ceres, mas bem lá dentro ela sabia que Stephania não estava. Ela só diria algo assim se fosse uma verdade que Ceres conseguisse verificar, algo que a iria magoar e continuar a magoar quando ela descobrisse a realidade acerca disso.

"Eu não preciso mentir. Não quando a verdade é muito melhor", disse Stephania. "Thanos está morto também. Ele morreu na luta por Haylon, ali mesmo nas praias."

Uma nova onda de tristeza abateu-se sobre Ceres, espalhando-se sobre ela e ameaçando retirar-lhe todo o seu bom sendo. Ela tinha discutido com Thanos, antes de ele se ir embora, sobre a morte do seu irmão, e sobre o que ele estava a planear fazer, a lutar contra a rebelião. Ela nunca tinha pensado que aquelas poderiam ser as últimas palavras que ela lhe diria. Ela tinha deixado uma mensagem com Cosmas especificamente de modo a que não fossem.

"Mas há mais", disse Stephania. "O teu irmão mais novo? Sartes? Ele foi levado para o exército. Certifiquei-me que os raptos não o tratavam com privilégios só porque ele era o irmão da guardiã de armas de Thanos."

Ceres tentou atirar-se a ela desta vez, com a raiva que a enchia a alimentar o seu salto na direção da miúda nobre. Mas ela estava tão fraca que não havia qualquer hipótese de sucesso. Ela sentiu as pernas a enrolarem-se nos lençóis da cama, fazendo-a cair para o chão, olhando para Stephania.

"Quanto tempo achas que o teu irmão vai durar no exército?", perguntou Stephania. Ceres viu a sua expressão transformar-se em algo como falsa piedade. "Pobre rapaz. Eles são tão cruéis para os recrutas. Eles são todos praticamente traidores, afinal."

"Porquê?", conseguiu dizer Ceres.

Stephania estendeu as mãos. "Levaste Thanos de mim, e ele era tudo o que eu tinha planeado para o meu futuro. Agora, eu vou tirar tudo de ti."

"Vou matar-te", prometeu Ceres.

Stephania riu-se. "Não vais ter qualquer hipótese". Ela tocou com a mão nas costas de Ceres, e Ceres teve de morder o lábio para não gritar. "Isto não é nada. Aquela pequena luta no Stade não foi nada. As piores lutas que se possam imaginar estarão lá à tua espera, uma e outra vez, até que morras."

"Achas que as pessoas não vai notar?", perguntou Ceres. "Achas que eles não vão adivinhar o que estás a fazer? Atiraste-me para lá porque pensaste que eles se iriam erguer. O que é que eles vão fazer se acharem que estás a trai-los?"

Ela viu Stephania a abanar a cabeça.

"As pessoas veem o que querem ver. Contigo, parece que eles querem ver a sua lorde de combate princesa, a miúda que pode lutar tão bem como qualquer homem. Eles vão acreditar e vão amar-te, até ao ponto em que te transformares num motivo de chacota nas areias. Eles vão ver-te a ficares despedaçada, mas antes disso, eles vão torcer para que isso aconteça."

Ceres apenas conseguiu ver Stephania a dirigir-se para a porta. A miúda nobre parou, voltando-se para ela, e, por um momento, ela pareceu tão doce e inocente como sempre.

"Oh, quase que me esqueci. Tentei dar-te o teu medicamento, mas não achei que fosses derrubá-lo da minha mão antes de te conseguir dar o suficiente."

Ela tirou o frasco que tinha tido antes, e Ceres viu-o cair no chão quando ela o deixou cair. Ele partiu-se, com os seus pedaços a girar no chão do quarto de Ceres em lascas, o que tornaria mais doloroso e perigoso ela tentar encontrar o caminho de volta para a sua cama. Ceres não tinha dúvidas de que Stephania o tinha feito de propósito.

Ela viu a miúda nobre chegar ao pé da vela que iluminava o quarto, e brevemente, imediatamente antes de a apagar, o sorriso doce de Stephania desapareceu novamente, sendo substituído por algo cruel.

"Eu estarei lá para dançar no teu funeral, Ceres. Eu prometo-te."

CAPÍTULO SETE

"Eu continuo a dizer que devemos cortar-lhe as tripas e atirar fora o seu corpo para os outros soldados do Império o encontrarem."

"Isso é porque és um idiota, Nico. Mesmo se eles vissem mais um corpo entre os restantes, quem te diz que eles se importariam? E depois teríamos o problema de levá-lo para algum lugar onde o vissem. Não. Devíamos pedir um resgate."

Thanos estava na caverna onde os rebeldes se tinham escondido para o momento, ouvindo-os a discutir sobre o seu destino. As suas mãos estavam amarradas à frente, mas pelo menos eles tinham feito o seu melhor para cobrir e proteger as suas feridas, deixando-o à frente de uma pequena fogueira para que ele não ficado enregelado enquanto eles decidiam se o iam matar a sangue frio ou não.

Os rebeldes estavam sentados noutras fogueiras, encolhidos ao redor delas, a discutir o que poderiam fazer para evitar que a ilha caísse nas mãos do Império. Eles falavam em voz baixa, para que Thanos não conseguisse ouvir os detalhes, mas ele já sabia a essência dos mesmos: eles estavam a perder e a perder à grande. Eles estavam nas cavernas, porque não havia nenhum outro lugar para onde eles irem.

Depois de um tempo, aquele que era, obviamente, o seu líder, foi ter com Thanos, sentando-se diante de si, cruzando as pernas na pedra dura do chão da caverna. Ele deu-lhe um pedaço de pão que Thanos devorou avidamente. Ele não tinha a certeza de quando é que havia comido a última vez.

"Eu sou Akila," disse o outro homem. "Eu comando esta rebelião."

"Thanos."

"Só Thanos?"

Thanos conseguia ouvir a curiosidade e a impaciência. Ele perguntava-se se o outro homem sabia quem ele era. De qualquer das maneiras, a verdade parecia ser a melhor opção naquele momento.

"Príncipe Thanos", admitiu.

Akila, ficou ali quieto à sua frente por alguns segundos, e Thanos perguntou-se se iria morrer de seguida. Tinha sido por pouco que os rebeldes tinham pensado que ele era apenas um nobre sem nome. Agora que eles sabiam que ele era um membro da família real, perto do rei que os havia oprimido tanto, parecia impossível que eles não fizessem nada.

"Um príncipe", disse Akila. Ele olhou para os outros, e Thanos viu ali o brilho de um sorriso. "Ei, rapazes, nós temos um príncipe aqui."

"Nós definitivamente devíamos pedir um resgate, então!", gritou um dos rebeldes. "Ele valeria uma fortuna!"

"Nós definitivamente devíamos matá-lo", retorquiu outro. "Pensem em tudo o que os da sua espécie nos têm feito!"

"Muito bem, já chega", disse Akila. "Concentrem-se na luta que temos pela frente. Vai ser uma noite longa."

Thanos ouviu um leve suspiro do outro homem quando os outros homens voltaram para as suas fogueiras.

"Não está a correr bem, então?", perguntou Thanos. "Tinhas dito antes que o teu lado estava a perder."

Akila atirou-lhe um olhar penetrante. "Eu devia saber quando devia manter a minha boca fechada. Talvez tu também."

"De qualquer das formas, estás a questionar-te se me matas", salientou Thanos. "Eu acho que não tenho muito a perder."

Thanos esperou. Aquele não era o tipo de homem que ele pudesse forçar a dar-lhe respostas. Akila aparentava dureza. Inflexibilidade e obstinação. Thanos imaginava que teria gostado dele, se eles se tivessem conhecido em melhores circunstâncias.

"Tudo bem", disse Akila. "Sim, nós estamos a perder. Vocês os Imperiais têm mais homens do que nós, e vocês não se preocupam com os danos que fazem. A cidade está sob o cerco da terra e da água, de modo que ninguém pode fugir. Nós lutaremos das colinas, mas quando te podes apenas reabastecer pela água, não há muito que possamos fazer. Draco pode ser um talhante, mas ele é um talhante esperto."

Thanos assentiu. "Ele é."

"E, claro, provavelmente tu estavas lá quando ele planeou tudo", disse Akila.

Agora Thanos compreendia. "É isso que estás à espera? Que eu saiba todos os seus planos?". Ele abanou a cabeça. "Eu não estava lá quando eles os traçaram. Eu não queria lá estar, e só fui porque eles me escoltaram para o navio sob guarda. Talvez se eu estivesse lá, eu tivesse ouvido a parte onde eles planeavam apunhalar-me pelas costas."

Ele pensou em Ceres nesse momento, acerca da maneira como ele tinha sido forçado a deixá-la para trás. Isso doía-lhe mais do que tudo o resto. Ele questionava-se, se alguém numa posição de poder tentasse que o matassem, o que fariam com ela?

"Tu tens inimigos", Akila concordou. Thanos vi-o a cerrar e a soltar uma mão, como se a longa batalha pela cidade fizesse com que ela tivesse espasmos. "Eles são também os meus inimigos. Eu não sei se isso faz de ti meu amigo, ainda assim."

Thanos olhou em volta incisivamente para o resto da caverna. Para o número surpreendentemente baixo de soldados que restavam ali. "Neste momento, parece que podias utilizar todos os amigos que conseguisses arranjar."

"Tu ainda és um nobre. Tu ainda tens a tua posição por causa do sangue das pessoas comuns", disse Akila. Ele suspirou novamente. "Parece que se eu te matar, estou a fazer o que Draco e os seus mestres queriam, mas também se pedir um resgate por ti, não vou receber nada. Eu tenho uma luta para ganhar, e não tenho tempo para manter presos ao meu redor se eles não sabem nada. Então, o que é que eu devo fazer contigo, Príncipe Thanos?"

Thanos teve a impressão de que ele estava a falar a sério. Que ele realmente queria uma solução melhor. Thanos pensou rapidamente.

"Eu acho que a tua melhor opção é deixares-me ir", disse ele.

Akila riu-se. "Boa tentativa. Se isso é o melhor que tens, fica quieto. Vou tentar fazer com que isto seja o menos doloroso possível."

Thanos viu a sua mão a dirigir-se para uma das suas espadas.

"Estou a falar a sério", disse Thanos. "Eu não consigo ajudar-te a ganhar a batalha pela ilha se ficar aqui."

Ele podia ver a descrença de Akila e a certeza de que tinha de ser uma armadilha. Thanos continuou rapidamente, sabendo que a sua melhor esperança de sobreviver nos próximos minutos estava em convencer aquele homem que ele queria ajudar a rebelião.

"Tu próprio disseste que um dos grandes problemas é que o Império tem a sua frota a apoiar o ataque", disse Thanos. "Eu sei que eles deixaram suprimentos nos navios porque estavam ansiosos por começar o ataque. Portanto, tomamos os navios."

Akila levantou-se. "Ouviram isto, rapazes? O príncipe aqui tem um plano para lhes tirar os navios do Império."

Thanos viu os rebeldes a começarem a reunirem-se à volta.

"De que é que serviria?", perguntou Akila. "Tomamos os navios deles, mas e depois?"

Thanos fez o seu melhor para explicar. "No mínimo, será uma rota de fuga para algumas das pessoas da cidade e para alguns dos teus soldados. Vai tirar suprimentos dos soldados do Império também, pelo que eles não vão conseguir continuar por muito tempo. E depois há as balistas."

"O que são eles?", perguntou um dos rebeldes. Ele parecia ser um soldado que não ia aguentar muito. Muito poucos soldados na sala pareciam, aos olhos de Thanos.

"Atiradores de dardos", explicou Thanos. "Armas projetadas para danificar outros navios, mas se fossem voltadas contra soldados perto da costa..."

Akila, pelo menos, parecia estar a considerar as possibilidades. "Isso poderia ser algo", ele admitiu. "E podemos incendiar quaisquer navios que não conseguirmos usar. No mínimo, Draco iria puxar os seus homens de volta para tentar obter os seus navios de volta. Mas, para começar, como podemos obter esses navios, Príncipe Thanos? Eu sei que de onde tu vens, se um príncipe pede algo, ele recebe-lo, mas eu duvido que tal seja aplicado à frota de Draco."

Thanos forçou-se a sorrir com um nível de confiança que não sentia. "Isso é quase exatamente o que vamos fazer."

Mais uma vez, Thanos tinha a impressão que Akila estava a perceber mais rápido do que qualquer um dos seus homens. O líder dos rebeldes sorriu.

"Estás louco", disse Akila. Thanos não conseguiu perceber se a intenção era insultar ou não.

"Há mortos suficientes nas praias", Thanos explicou, para benefício dos outros. "Tiramos-lhes as armaduras e vamos para os navios. Comigo lá, vai parecer como uma companhia de soldados a voltar da batalha para se abastecerem de provisões."

"O que achas?", perguntou Akila.

À luz do fogo que cintilava no interior da caverna, Thanos não conseguia perceber quais eram os homens que falavam. Em vez disso, as perguntas deles pareciam emergir da escuridão, pelo que ele não poderia dizer quem concordava com ele, quem duvidava dele e quem o queria ver morto. Ainda assim, aquilo não era pior do que os políticos na sua casa. Melhor, por muitos aspetos, já que ninguém estava a sorrir para si, enquanto conspirava para matá-lo.

"E quanto aos guardas nos navios?", perguntou um dos rebeldes.

"Não haverá muitos", disse Thanos. "E eles vão saber quem eu sou."

"E quanto a todas as pessoas que irão morrer na cidade, enquanto fazemos isso?", gritou outro.

"Eles estão a morrer agora", insistiu Thanos. "Pelo menos assim, tens uma forma de ripostar. Se o fizermos bem, teremos uma maneira de salvar centenas, se não milhares, de eles."

Fez-se silêncio, e a última pergunta surgiu como uma flecha.

"Como podemos confiar nele, Akila? Ele não é apenas um deles, ele é um nobre. Um príncipe."

Thanos girou, afastando-se da direção de onde a voz tinha vindo, virando-se de costas para todos verem. "Eles apunhalaram-me pelas costas. Eles abandonaram-me para eu morrer. Eu tenho tantos motivos para os odiar como qualquer homem aqui."

Naquele momento, ele não estava apenas a pensar no Typhoon. Ele estava a pensar em tudo o que a sua família havia feito ao povo de Delos, e, sobretudo o que tinha feito a Ceres. Se eles não o tivessem obrigado a ir à Praça do Chafariz, ele nunca teria lá estado quando o seu irmão morreu.

"Podemos ficar aqui sentados", disse Thanos, "ou podemos agir. Sim, será perigoso. Se eles perceberem o nosso disfarce, provavelmente morreremos. Eu estou disposto a arriscar. E vocês?" Ninguém respondeu e Thanos levantou a sua voz. "E vocês?"

Tal obteve uma aclamação em resposta. Akila aproximou-se dele, batendo com a mão no ombro de Thanos.

"Tudo bem, Príncipe, parece que estamos a fazer as coisas à tua maneira. Faz com que isto resulte, e terás um amigo para a vida." A mão dele apertava-o até Thanos sentir a dor de um disparo nas suas costas. "Se nos traíres, no entanto, ou matares os meus homens, juro que te perseguirei."

CAPÍTULO OITO

Havia partes de Delos, onde Berin normalmente não ia. Eram partes que fediam a suor e desespero, já que as pessoas faziam o que precisavam, a fim de sobreviverem. Ele dispensava ofertas vindas das sombras, dando aos habitantes um olhar duro para os manter afastados.

Se eles soubessem acerca do ouro que transportava, Berin sabia que eles lhe cortariam a garganta, dividiriam a bolsa debaixo da sua túnica e a gastariam nas tabernas locais e casas de jogo antes do dia terminar. Era nesses lugares que ele agora procurava, porque onde mais é que ele iria encontrar soldados quando eles estavam de folga? Enquanto couteleiro, Berin conhecia os lutadores e sabia os lugares onde eles iam.

Ele tinha ouro porque ele tinha visitado um comerciante, levando consigo duas adagas que ele tinha forjado como exemplos para aqueles que poderiam empregá-lo. Elas tinham sido coisas bonitas, dignas do cinto de qualquer nobre, trabalhadas com filigrana de ouro e gravadas com cenas de caça nas lâminas. Elas eram as últimas coisas de valor que lhe restavam no mundo. Ele tinha estado numa fila com uma dúzia de outras pessoas na frente da mesa do comerciante, e não tinha obtido metade do valor que ele sabia que elas valiam.

Para Berin, isso não importava. Tudo o que lhe importava era encontrar os seus filhos, e para isso era preciso ouro. Ouro que ele poderia usar para comprar cerveja para as pessoas certas, ouro que ele poderia pressionar contra as palmas das mãos certas.

Ele percorreu as tabernas de Delos, tendo tal sido um processo lento. Ele não podia simplesmente aparecer e fazer as perguntas que queria. Ele tinha de ter cuidado. O facto de ele ter alguns amigos na cidade e outros mais no exército do Império ajudava. As suas espadas tinham salvado mais do que apenas algumas vidas ao longo dos anos.

Ele encontrou o homem que procurava, meio bêbado, a meio da tarde, sentado numa taberna e fedendo tanto que tinha espaço livre à sua volta. Berin adivinhou que era apenas o uniforme do exército do Império que os impedia de o atirar para a rua. Bem, isso e o facto de que Jacare era gordo o suficiente para que fosse preciso metade dos clientes para erguê-lo.

Berin viu os olhos do homem gordo levantarem-se quando ele se aproximou. "Berin? Meu velho amigo! Vem tomar uma bebida comigo! Embora tenhas de a pagar. Atualmente estou um pouco..."

"Gordo? Bêbado?", adivinhou Berin. Ele sabia que o outro homem não se importaria. O soldado parecia fazer um esforço para ser o pior exemplo do exército do Império. Ele até parecia sentir uma espécie de orgulho perverso nisso.

"... financeiramente envergonhado", Jacare terminou.

"Eu talvez te possa ajudar com isso", disse Berin. Ele pediu bebidas, mas não tocou na dele. Ele precisava manter a cabeça limpa para procurar Ceres e Sartos. Em vez disso, ele esperou que Jacare emborcasse a sua com um ruído que soava a Berin como um burro numa calha de água.

"Então, o que traz um homem como tu à minha humilde presença?", perguntou Jacare depois de um tempo.

"Estou à procura de notícias", disse Berin. "O tipo de notícia que um homem na tua posição talvez possa ter ouvido."

"Ah, bem, notícias. As notícias são um negócio com sede. E, possivelmente, um negócios dos caros".

"Eu estou à procura do meu filho e da minha filha", explicou Berin. Com outra pessoa, ele poderia ter ganho alguma piedade, mas ele sabia que com um homem como aquele, tal não teria muito efeito.

"O teu filho? O Nesos, certo?"

Berin inclinou-se sobre a mesa, apertando com a sua mão o pulso de Jacare como o homem ia buscar outra bebida. Ele já não tinha muita da velha força que tinha criado a empunhar martelos de forjar, mas ainda tinha a suficiente para fazer o outro homem estremecer. Ótimo, pensou Berin.

"Sartes", disse Berin. "O meu filho mais velho está morto. Sartes foi levado pelo exército. Eu sei que ouves coisas. Eu quero saber onde ele está e quero saber onde a minha filha Ceres está."

Jacare encostou-se para trás e Berin deixou-o fazê-lo. Ele não tinha certeza se conseguia aguentar o homem no lugar por muito mais tempo de qualquer maneira.

"Esse é o tipo de coisa que eu poderia ter ouvido", o soldado admitiu, "mas esse tipo de coisa é difícil. Eu tenho despesas."

Berin tirou a pequena bolsa de ouro. Ele derramou-o sobre a mesa, apenas suficientemente longe de Jacare para que ele não conseguisse arrebatá-lo facilmente.

"Será que isto vai cobrir as tuas despesas?", perguntou Berin, a olhar para a taça do homem. Ele viu o homem a contar o ouro, provavelmente, a avaliar se havia mais.

"A tua filha é fácil", disse o Jacaré. "Ela está no castelo com os nobres. Eles anunciaram que ela estava para se casar com o príncipe Thanos."

Berin atreveu-se a dar um suspiro de alívio, embora ele não estivesse certo do que pensar. Thanos era um dos poucos membros da realeza com alguma decência para ele, mas casar?

"O teu filho é mais difícil. Deixa-me pensar. Ouvi dizer que alguns dos recrutadores da Vigésima Terceira estavam a fazer as rondas ao teu quartelão, mas não há nenhuma garantia de sejam eles. Se forem, eles estão acampados um pouco para o sul, tentando treinar os recrutas para combater os rebeldes."

A bile subiu à boca de Berin com aquele pensamento. Ele podia adivinhar como o exército trataria Sartes e o que aquele "treino" envolveria. Ele tinha de ter o seu filho de volta. Mas Ceres estava mais perto e a verdade era que ele tinha, pelo menos, de ver a sua filha, antes de ir atrás de Sartes. Ele levantou-se.

"Não vais terminar a tua bebida?", perguntou Jacare.

Berin não respondeu. Ele ia para o castelo.

Era mais fácil para Berin do que praticamente para qualquer outra pessoa entrar no castelo. Já tinha passado algum tempo, mas ele ainda era o único que tinha ido até lá para discutir os requisitos para as armas dos lordes de combate, ou para levar peças especiais para os nobres. Era simples o suficiente fingir que ele estava de volta ao negócio, passando diretamente pelos guardas nos portões exteriores e para o espaço onde os combatentes se preparavam.

O passo seguinte era chegar de ali até onde quer que a sua filha estivesse. Havia um portão de entrada barrado entre o espaço abobadado onde os guerreiros praticavam e o resto do castelo. Berin teve de esperar para que o portão fosse aberto do outro lado, passando rapidamente pelo servo que o abriu, tentando fingir que tinha negócios importantes nas outras partes do edifício.

Ele tinha, mas não o tipo de negócio que a maioria das pessoas dali pensava que ele tinha.

"Ei, tu! Onde é que pensas que vais?"

Berin congelou com o tom agressivo. Ele sabia antes de virar que haveria um guarda ali, e ele não tinha uma desculpa que os fosse satisfazer. O melhor que ele poderia esperar agora seria ser atirado para fora do castelo antes de se conseguir aproximar e ver a sua filha. O pior envolveria masmorras do castelo, ou talvez ser simplesmente arrastado para ser executado onde ninguém jamais soubesse.

Ele virou-se e viu dois guardas que obviamente tinham sido soldados do Império por um tempo. Eles tinham tantos cabelos grisalhos como Berin nos dias de hoje, com o olhar desgastado dos homens que tinha passado muito tempo a lutar ao sol ao longo de muitos anos. Um deles era uma boa cabeça mais alto que Berin, mas inclinava-se ligeiramente sobre a lança. O outro tinha uma barba que oleava

e encerava até parecer quase tão acentuada como a arma que segurava. Berin ficou aliviado quando os viu, porque reconheceu os dois.

"Varo, Caxus?", disse Berin. "Sou eu, Berin."

Houve ali um momento de tensão e Berin esperava que aqueles dois se lembrassem dele. Em seguida, os guardas riram-se.

"Pois és", disse Varo, inflexível do alto da sua lança por um momento. "Nós não te vemos há... há quanto tempo, Caxus?"

O outro coçava a barba enquanto pensava. "Já passaram alguns meses desde que ele esteve aqui pela última vez. Não conversamos propriamente desde que ele me entregou aquelas braçadeiras no verão passado."

"Eu estive longe", explicou Berin. Ele não disse onde. As pessoas podiam não pagar muito aos seus cuteleiros, mas ele duvidava que eles reagissem bem ao facto de ele procurar trabalho noutros lugares. Os soldados geralmente não gostavam da ideia dos seus inimigos receberem boas espadas. "Os tempos têm sido difíceis."

"Os tempos têm sido difíceis por todo o lado", concordou Caxus. Berin viu-o franzir a testa ligeiramente. "Isso ainda não explica o que estás a fazer no castelo principal."

"Não devias estar aqui, cuteleiro, e tu sabes disso", concordou Varo.

"O que é que se passa?", perguntou Caxus. "Um reparo de emergência para a espada favorita de algum nobre? Acho que teria ouvido se Lucious tivesse partido uma espada. Ele provavelmente teria açoitado os seus servos até ficarem em carne viva."

Berin sabia que ele não seria capaz de escapar com uma mentira como aquela. Em vez disso, ele decidiu tentar a única coisa que podia funcionar: honestidade. "Estou aqui para ver a minha filha."

Ele ouviu Varo sugar o ar entre os dentes. "Ah, agora é que é um assunto delicado."

Caxus assentiu. "Eu vi-a lutar no Stade no outro dia. Pequena e valente. Ela matou um urso espinhoso e um lorde de combate. Foi um combate violento, porém".

O coração de Berin apertou-se no seu peito ao ouvir aquilo. Eles tinham posto Ceres a lutar nas areias? Mesmo sabendo que ela sonhava lutar ali, aquilo não parecia ser o cumprimento desse sonho. Não, aquilo era outra coisa.

"Eu tenho de a ver", Berin insistiu.

Varo inclinou a cabeça para um lado. "Como eu disse, complicado. Ninguém entra para vê-la agora. Ordens da Rainha."

"Mas eu sou o pai dela", disse Berin.

Caxus estendeu as mãos. "Não há muito que possamos fazer."

Berin pensou rapidamente. "Não há muito que possamos fazer? Foi isso que eu disse quando precisavas da tua lança com um novo punho antes que o teu capitão visse que tu a tinhas partido daquela vez?"

"Nós dissemos que não falaríamos sobre isso", disse o guarda, com um olhar preocupado.

"E tu, Varo?", continuou Berin, pressionando antes que o outro pudesse decidir expulsá-lo. "Eu disse que era 'complicado' quando querias uma espada que, realmente, se adequasse à tua mão, para não teres problemas com o exército?"

"Bem..."

Berin não parou. O importante era pressionar para lá das objeções deles. Não, o importante era ver a sua filha.

"Quantas vezes é que o meu trabalho salvou as vossas vidas?", perguntou ele. "Varo, tu contaste-me a história daquele chefe dos bandidos que a tua unidade perseguiu. Que espada usaste para matá-lo?"

Конец ознакомительного фрагмента.

Текст предоставлен ООО «ЛитРес».

Прочитайте эту книгу целиком, [купив полную легальную версию](#) на ЛитРес.

Безопасно оплатить книгу можно банковской картой Visa, MasterCard, Maestro, со счета мобильного телефона, с платежного терминала, в салоне МТС или Связной, через PayPal, WebMoney, Яндекс.Деньги, QIWI Кошелек, бонусными картами или другим удобным Вам способом.